

- **INTERAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA**
Coordenador(a): Paulo de Tarso Galembeck

O simpósio reúne pesquisadores que estudam diferentes formas de interação na fala e na escrita: correlação entre mudança de tópico discursivo e alternância de tipos textuais; marcas de subjetividade na língua falada; interação na correspondência oficial e comercial; digressões na contação de histórias.

CORRELAÇÃO ENTRE TIPOS DE TEXTOS E DESCONTINUIDADE DE TÓPICOS

Paulo de Tarso Galembeck (UEL)

Este trabalho propõe a análise da correlação entre os processos de mudança de tópico conversacional e a alternância entre os tipos de textos. Parte-se da noção de tópico discursivo (“aquilo de que se está falando”), das propriedades definidoras do mesmo (centração ou focalização; organicidade; segmentabilidade), do fato de ele (o tópico) ser oconstruído cooperativamente pelos interlocutores. O trabalho também se fundamenta na existência de quatro tipos básicos de textos (narração; descrição; dissertação; injunção), definidos a partir de suas propriedades formais e do uso em situações específicas de interação. Para a execução do trabalho, foi efetuada inicialmente a segmentação tópica dos inquéritos que constituem o corpus e, do mesmo modo, os segmentos tópicos foram

classificados quanto à modalidade de texto que neles predomina. Também foram assinalados os marcadores conversacionais que neles predomina Também foram assinalados os marcadores conversacionais e outros procedimentos discursivos que assinalam a mudança tópica e a alternância entre os tipos de texto. Os dados obtidos confirmam a existência de correlação média entre as duas modalidades de alternância em foco: em 43% dos casos, verificou-se que a alternância de tópico está associada à transição entre os diferentes tipos de texto. Além disso, foi observado que essa transição ocorre, na maioria dos casos, quando um segmento descritivo ou narrativo é seguido por um trecho opinativo, no qual um dos interlocutores manifesta objeções ao que foi dito pelo seu interlocutor. Também se verificou a presença de marcadores conversacionais e outros procedimentos discursivos nos casos em que ocorre a dupla alternância citada. O corpus do trabalho é constituído por inquéritos do tipo D2 (diálogos entre dois informantes), pertencentes aos arquivos do Projeto NURC/SP. Focalização.

DIGRESSÕES: ESTRATÉGIAS INTERATIVAS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Rosane Suely Alvares Lunardelli (UEL)

Fundamentado em teorias que estudam o texto a partir de uma perspectiva textual-interativa, este trabalho discute a presença de fragmentos digressivos na Atividade de Contação de Histórias. Após a apresentação dos pressupostos norteadores do estudo, examinou-se os tipos de segmentos digressivos utilizados pelos contadores, os marcadores que os introduzem e os que indicam a retomada do tópico central, bem como as funções e finalidades que essas digressões assumem em um determinado momento. As digressões foram classificadas em digressão lógico-experencial, interpessoal incidental e retórica didática e, a partir dessa tipologia, elaborou-se tabelas com os itens mencionados e suas freqüências, as quais foram analisadas qualitativamente. Os resultados dessas análises vêm comprovar a hipótese inicial de que as digressões são fundamentais à instauração de uma conversação, já que possibilitam a contextualização dos dados e favorecem, de modo expressivo, o contato entre os interlocutores. (Palavras-chave: digressão. contação de histórias. língua falada. interação verbal).

INTERAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA

Carola Lopes Braz (UEL)

Esse trabalho tem como objetivo analisar o papel das marcas de subjetividade e intersubjetividade entre os informantes de um diálogo. Para isso, adota-se como hipótese, a seguinte afirmação de Galembeck (2001, p. 67) (em seu trabalho “Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais”): “a noção de que todo sujeito constitui uma entidade dúplice, já que o “eu” só pode instituir-se como tal em face do “outro” e é a partir da interação da linguagem que o “eu” e o “outro” são instituídos, é o chamado dialogismo. Na conversação há uma interação contínua, uma troca entre os interactantes. Isso ocorre porque os participantes, a um só tempo, envolvem-se na interação e buscam envolver seus parceiros conversacionais: há, portanto, manifestações seguidas de subjetividade e intersubjetividade. O corpus do trabalho é constituído por fragmentos simétricos dos inquiridos n° 062 e 343, retirados do projeto NURC/SP, publicados em Castilho e Preti, 1987. Tais inquiridos serão analisados a partir das marcas de subjetividade e intersubjetividade, as quais são classificadas de acordo com: o tipo de marca; C - expressões não-convencionalizadas como marcadores conversacionais); quem produz a marca de subjetividade (F - falante; O - ouvinte, falante ocasional; R - discurso reportado); a quem se dirigem as marcas produzidas pelo falante; o grau de envolvimento (maior, presença de marcas de 1ª e 2ª pessoas; menor, não há presença dessas marcas); a relação com o desenvolvimento do tópico e o valor de atenuação (usados para diminuir a força ilocutória do enunciado). Os dados revelam o predomínio de marcas lexicais de primeira pessoa (centradas, pois, no falante e com maior grau de envolvimento), não relacionadas com o desenvolvimento do tópico e seu valor de atenuação.

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS COMERCIAIS, OFICIAIS E TÉCNICOS: INTERAÇÃO E DIÁLOGOS

Sara Maria Menck

Apresenta-se, neste trabalho, um projeto idealizado e realizado com estudantes do curso de Secretariado Executivo. Nesse curso, destaca-se um ano de estudo e produção escrita do texto técnico, oficial e comercial. E para ministrá-lo a contento, objetivou-se aplicar uma prática docente que contribuisse na constituição de um acadêmico capaz de desenvolver uma linguagem técnica, mas que fosse também criativa e original. Então, esse constituir-se necessitava de um contexto de produção de linguagem em um processo sócio-interativo, visando a um sujeito consciente do aspecto dialógico instituído na linguagem. Nessa perspectiva, foi idealizado o projeto e, durante o período de estudo, os acadêmicos escreveram, reestruturaram e reescreveram seus textos. Para que isso acontecesse de acordo com as metas traçadas,urgia um contexto produtivo de uso da linguagem. Para tanto, os estudantes foram divididos em grupos e cada grupo “formou” uma Empresa Fictícia. Assim, pôde-se estabelecer os diálogos e a interação entre docente/discentes/textos/”empresas”. Nesse processo, o conteúdo programático (carta comercial/oficial, avisos, comunicados, convites, convocação, pauta, ata, circulares, atestado, atestado, declaração, certidão, edital, procuração, projetos e etc.) foi estudado de acordo com seus tipos, formatações e linguagens. Nesse ensino-aprendizagem, vivenciou-se a lida com a cortesia, a persuasão, a argumentação, os diferentes estilos e diálogos. Cada estudante escreveu teoria e prática de cada item programático e, como consequência, ao final, obteve o seu manual de redação técnica. Vale acrescentar, ainda, que este estudo parte da concepção de texto “como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenada pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, com também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais” (KOCH 1997:22).